Revista Brasileira de Educação em Geografia
ISSN 2236-3904

AULA DE CAMPO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL:

proposta metodológica e estudo de caso

Ricardo Michael Pinheiro Silveira [1]
ricardomichael@ufpr.br

Dieiny Michelle Crestani [2]
dieiny@gmail.com

Elaine de Cacia de Lima Frick [3]
elainecacia@ufpr.br

Resumo
No contexto das significativas mudanças e transformações da sociedade nas últimas décadas em nível global, a geografia teve de repensar sua função na condição de tradicional disciplina do currículo escolar. Com a necessidade de novas práticas pedagógicas que se apliquem ao cotidiano dos alunos, as aulas de campo surgem como importante atividade de apoio ao ensino de geografia. Nessa perspectiva, com base nos resultados recentes do Projeto Expedições Geográficas (UFPR/Licenciar), o presente trabalho propõe uma metodologia para o planejamento e organização de aulas de campo em escala local, pautada em três momentos: o pré-campo (etapa de planejamento e organização), o campo (realização da atividade) e o pós-campo (etapa de avaliação e discussão), que resultaram no estudo de caso com alunos do 6º ano (Ensino Fundamental) da Escola Estadual Aline Picheth, localizada em Curitiba/PR. Ao todo foram realizadas seis aulas de campo, com temas propostos inicialmente, com destaque para orientação/localização, inserção às geotecnologias e interpretação e reconhecimento dos elementos da paisagem. As propostas registradas na apostila de campo durante a atividade pelos alunos denotaram a rápida assimilação dos conteúdos apresentados frente à realidade vivenciada in loco,

[1] Mestrando em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço: Rua Pedro Rolim de Moura, 20. Bairro Alto da Glória. Curitiba (PR). CEP 80030-250

[2] Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço: Rua Riachuelo, 319. Centro. Curitiba (PR). CEP 80020-250.

[3] Professora Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Engenharia Florestal Manejo Florestal pela UFPR. Endereço: Avenida Coronel Francisco Heráclito dos Santos, 100. Centro Politécnico. Departamento de Geografia. Curitiba (PR). Caixa postal 19001. CEP 81531-990

apresentando resultados satisfatórios e evidenciando a potencialidade da aula de campo como recurso didático-pedagógico auxiliar.

Palavras-chave
Ensino de Geografia, Aula de campo, Prática didático-pedagógica.

FIELD CLASS AS PEDAGOGICAL PRACTICE IN TEACHING OF GEOGRAPHY FOR FUNDAMENTAL EDUCATION: proposed methodology and case study

Abstract
In the context of significant change and transformation of society in recent decades at the global level, geography had to rethink its role in the condition of traditional discipline of the school curriculum. With the need for new teaching practices that apply to the daily lives of students, field classes emerge as an important activity to support the teaching of geography. At this perspective, based on recent results of the Project Expedições Geográficas (UFPR/Licenciar), this paper proposes a methodology for planning and organizing field classes at the local scale, based on three points: the pre-field (planning and organization stage), the field (realization of the activity) and post-field (evaluation and discussion stage), which resulted in the case study with students from 6th grade (elementary school) of Aline Picheth School, located in Curitiba/PR. Altogether six field classes were performed, with themes proposed initially, with emphasis on orientation/location, geotechnologies insertion and interpretation and recognition of landscape elements. The recorded proposals by the students during the activity denoted the fast assimilation of the contents against the reality experienced in loco, presenting satisfactory results and demonstrating the potential of the field class as an auxiliary teaching-pedagogical resource.

Keywords
Teaching of Geography, Field class, Ditactic-pedagogical practice.

Introdução

> *"É por isso que se mandam as crianças à escola: não tanto para que aprendam alguma coisa, mas para que se habituem a estar calmas e sentadas e a cumprir escrupulosamente o que se lhes ordena, de modo que depois não pensem mesmo que têm de pôr em prática as suas ideias."*
>
> Imannuel Kant, 1803.

Nas últimas décadas vivencia-se um período de significativas mudanças e transformações da sociedade em âmbito global, sobretudo nas esferas política, socioeconômica e ambiental. Nesse contexto, a instituição escolar teve de repensar seu papel perante uma sociedade em processo já consolidado de globalização. Isso justifica a ênfase dada às atuais discussões sobre a função do professor, currículo, livro didático, metodologias de ensino e tantos outros temas pertinentes que nos remetem àquela emblemática questão: o que, para que e para quem ensinar?

A geografia, disciplina tradicional do currículo escolar, tem grande responsabilidade nesse sutil processo de transição. Reafirmando os ideais nacionalistas de outrora, as demandas que emergem do saber geográfico agora são outras, mais específicas e urgentes. Decorar dados sociais e acidentes geográficos, características do ensino mnemônico, já não são suficientes. Tudo isso, somado ao desenvolvimento do meio técnico-científico informacional, conforme denominação de Milton Santos, e apoiado nas novas redes e relações de (inter)dependência tecnológica, tornam ainda mais complexa a definição do papel da instituição escolar de modo geral e do ensino de geografia especificamente nos dias atuais.

A construção do saber geográfico, em muitas situações, continua centrada no discurso oral de aulas expositivas ou em leitura de textos do livro didático. Por outro lado, a importância que os alunos atribuem à geografia escolar em suas vidas decorre da interação entre teoria e prática vivenciada na abordagem dos conteúdos.

A necessidade de aproximar o ensino da realidade é tão premente na atualidade que, como lembra Vesentini (2004), no Japão as escolas são obrigadas, por lei, a realizar no mínimo um trabalho de campo, seja um estudo do meio, uma excursão, visita a fábricas ou a museus etc, por semana.

No bojo dessa discussão, as aulas de campo surgem como importante contribuição pedagógica, pois é um meio para que o discente passe a desenvolver a capacidade de compreender, organizar, sistematizar, explicar e produzir conhecimento, neste caso, sendo meramente um instrumento, não um fim em si mesmo.

Nessa perspectiva, o presente trabalho propõe uma metodologia que foi criada com base na demanda dos diversos atores envolvidos no processo educativo, após um levantamento bibliográfico sobre a temática das aulas de campo aplicadas ao ensino de geografia, e que resultou no estudo de caso com alunos do 6º ano (Ensino Fundamental) da Escola Estadual Aline Picheth, localizada no bairro Ahú em Curitiba/PR.

As aulas de campo no Ensino de Geografia

São muitas as discussões sobre a validade científica do trabalho de campo na Geografia, no sentido da construção do conhecimento científico, pois a preocupação é de que os campos se tornem meramente um processo empírico de conhecer.

Aplicado ao ensino, a aula de campo representa uma possibilidade concreta de contato direto entre o aluno e a realidade estudada, o que permite a apreensão dos

aspectos dificilmente vislumbrados somente em sala de aula. Como lembra Piaget (1993), todo conhecimento é construído pelos seres humanos mediante suas interações com o meio.

As aulas de campo possibilitam que o aluno ou o grupo estabeleça opiniões e faça uma apreciação crítica para a problematização de fenômenos observados, para o estabelecimento de hipóteses e para o encaminhamento à investigação. É, portanto, um recurso de múltiplas possibilidades de abordagem (temática e interdisciplinar) e de múltiplas perspectivas de exploração no sentido de aprendizagem (SCHÄFFER, 1999).

Para Oliveira (2006), por definição preliminar, um estudo do meio se configura como um conjunto de atividades programadas – pela disciplina geográfica ou em planejamento interdisciplinar – no sentido de promover a compreensão mais direta da realidade socioambiental do aluno, por intermédio do trabalho de campo. Este, por sua vez, é um processo de revelação pedagógica das infinitas potencialidades da geografia escolar em diálogo operacional como a geografia cotidiana.

Sobre a distinção conceitual entre aula de campo e trabalho de campo, Oliveira e Assis (2009) evidenciam que ambos não são sinônimos, porém a primeira só se torna possível de realização devido ao segundo, pois esta é uma etapa obrigatória do(s) professor(es) para que exista uma aula em campo. Ainda segundo os autores, a aula em campo é uma atividade extrassala/extraescola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial. Além disso,

> instiga a aula em campo, antes de tudo, compreender as diferenciações entre as paisagens dos livros didáticos e as paisagens vivenciadas *in loco*. Estas são movidas e vivificadas pela relação dos alunos com as configurações óticas apreciadas sem recortes. São vistas juntamente com os movimentos das relações sociais, seus diferentes tipos de uso e seu entorno, a combinação de objetos naturais e artificiais — um instante da relação sociedade-natureza, ou melhor, das naturezas mais ou menos humanas — num verdadeiro conjunto de processos e objetos (OLIVEIRA e ASSIS, 2009).

Dada a fragmentação do conhecimento em diversas disciplinas, a prática das aulas de campo não deve se restringir ao saber geográfico, uma vez que a própria Geografia seja, por essência, inter e multidisciplinar. Sobre o tema, Kerner e Carpenter (1986) citam a importância da interdisciplinaridade nas relações aluno/meio, enfatizando que a aula de campo propicia aos estudantes um senso de integração dos processos da natureza e a percepção desta como um todo, e não suas partes isoladas.

Porém, como bem avalia Pontuschka (1999), antes de haver interdisciplinaridade entre áreas específicas do conhecimento faz-se necessário pensar o espaço geográfico como um todo na interdisciplinaridade na própria disciplina.

Nessa perspectiva, o conceito de paisagem se torna o pilar fundamental para a organização de uma aula de campo de caráter interdisciplinar. Com base em Gomes e Turra Neto (2008), foi enfatizada a leitura da paisagem, pelo fato de nela estar materializado o passado, o presente e as perspectivas para o futuro, além de indicar as múltiplas escalas articuladas na sua constituição.

A paisagem problematizada pela observação direta do lugar de vivência do aluno ou de uma observação indireta de uma paisagem representada pode fornecer elementos importantes para a construção de conhecimentos referentes ao espaço nela expresso (CAVALCANTI, 2002).

Assim, o presente trabalho enfatiza o estudo local e os alunos assumem a condição de pesquisadores, com participação efetiva e constante. Callai (1988) lembra que estudar o município é importante e necessário para o aluno, na medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo.

Entretanto, é importante salientar que o estudo de caso é apenas parte do procedimento metodológico, sendo a aula de campo um meio para desenvolver uma sistemática de aprendizagem do aluno, partindo de uma realidade na qual este se encontra inserido. Essa compreensão favorece o reconhecimento da aula de campo como instrumento de acesso ao binômio espaço/espacialidade, cujo movimento carrega, ao estudante, potenciais pedagógicos de facilitadores da elucidação do mundo pela geografia (OLIVEIRA e ASSIS, 2009).

Outro importante ponto a destacar é a recente inserção da temática aula de campo como recurso pedagógico no ensino de Geografia nas políticas de Estado representadas em documentos oficiais. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008), da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), por exemplo, a aula de campo

> é um importante encaminhamento metodológico para analisar a área em estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, por exemplo, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local Geografia bem delimitada para investigar a sua constituição histórica e realizar comparações com os outros lugares, próximos ou distantes. Assim, a aula de campo jamais será apenas um passeio, porque terá importante papel pedagógico no ensino de Geografia (SEED, 2008).

O documento dedica um tópico dentro da categoria "práticas pedagógicas para o ensino de geografia" sobre as aulas de campo, discutindo o planejamento, a organização metodológica, a proposição de objetivos e consequentes percursos, as possibilidades e a função pedagógica do trabalho de campo.

Segundo Calvente (1998), as propostas curriculares sendo recriadas pelo professor, adaptadas à realidade na qual sua escola está inserida, podem servir como instrumento na indicação da sequência dos conteúdos; mas o meio próximo é o seu grande laboratório de estudo, e sua ação e criatividade na relação dialógica com os alunos as principais armas para a transformação do seu trabalho.

A aula de campo deve ter o intuito de relacionar sistematicamente os aspectos físicos com os humanos do espaço geográfico e estimular entre os estudantes a discussão do dualismo da chamada Geografia Física e Geografia Humana, como tentativa de se atingir comportamentos unificadores na direção de uma geografia global, dinâmica e integrada (VIADANA, 2005).

Com base nestas discussões, e no mérito da questão da construção de um currículo pautado por atividades que contemplem as peculiaridades de cada comunidade escolar, a prática das aulas de campo emerge como importante recurso pedagógico. Callai (1999) atenta ao desafio que há atualmente: fazer da geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade e na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da interligação entre o espaço natural, com todas as suas regras e leis, com o espaço transformado constantemente pelo homem.

Fundamentação teórico-metodológica

Para a formulação da proposta metodológica foram considerados os diversos atores envolvidos no processo educativo, desde projetos acadêmicos de pesquisa e extensão e teóricos que tratam do tema, até as demandas atuais das escolas, professores e alunos e a necessidade de novas práticas pedagógicas, na tentativa de estabelecer uma correlação entre todos com o cuidado de não cair numa transposição didática abrupta.

Dessa forma, os principais referenciais para a formulação da proposta metodológica aqui apresentada foram os resultados recentes do Projeto Expedições Geográficas (UFPR/Licenciar) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (SEED,

2008), visando a aplicabilidade em sala de aula, além de importantes contribuições de diversos autores supracitados que trabalham com a temática das aulas de campo.

O processo de organização de uma aula de campo pode ser dividido em três momentos: o pré-campo, o campo e o pós-campo. No pré-campo são levantadas informações gerais sobre a área de estudo, passadas instruções aos alunos e discutidas algumas questões gerais sobre o local a ser percorrido. O campo propriamente dito é a realização da atividade de acordo com os objetivos anteriormente propostos. Já o pós-campo é momento de avaliação da atividade, podendo ser aproveitado para comentários adicionais, considerações posteriores e discussões sobre particularidades observadas durante a atividade.

É valido ressaltar que a metodologia que orienta o Ensino de Geografia, como realização permanente de pesquisa da relação escola/entorno, de acordo com Oliveira (2006), pode constituir uma percepção do fazer turístico como procedimento didático-pedagógico. Para tanto há que se proceder em algumas reelaborações conceituais referendadas em pedagogia capazes de enxergar a educação mais fora do que dentro da sala de aula.

Schäffer (1999) destaca que a observação, o registro das informações e a busca de fontes que expliquem a conformação e a funcionalidade espacial podem sensibilizar o aluno para as formas que o cercam cotidianamente e para os eventos que a elas estão referidos.

Materiais utilizados em campo

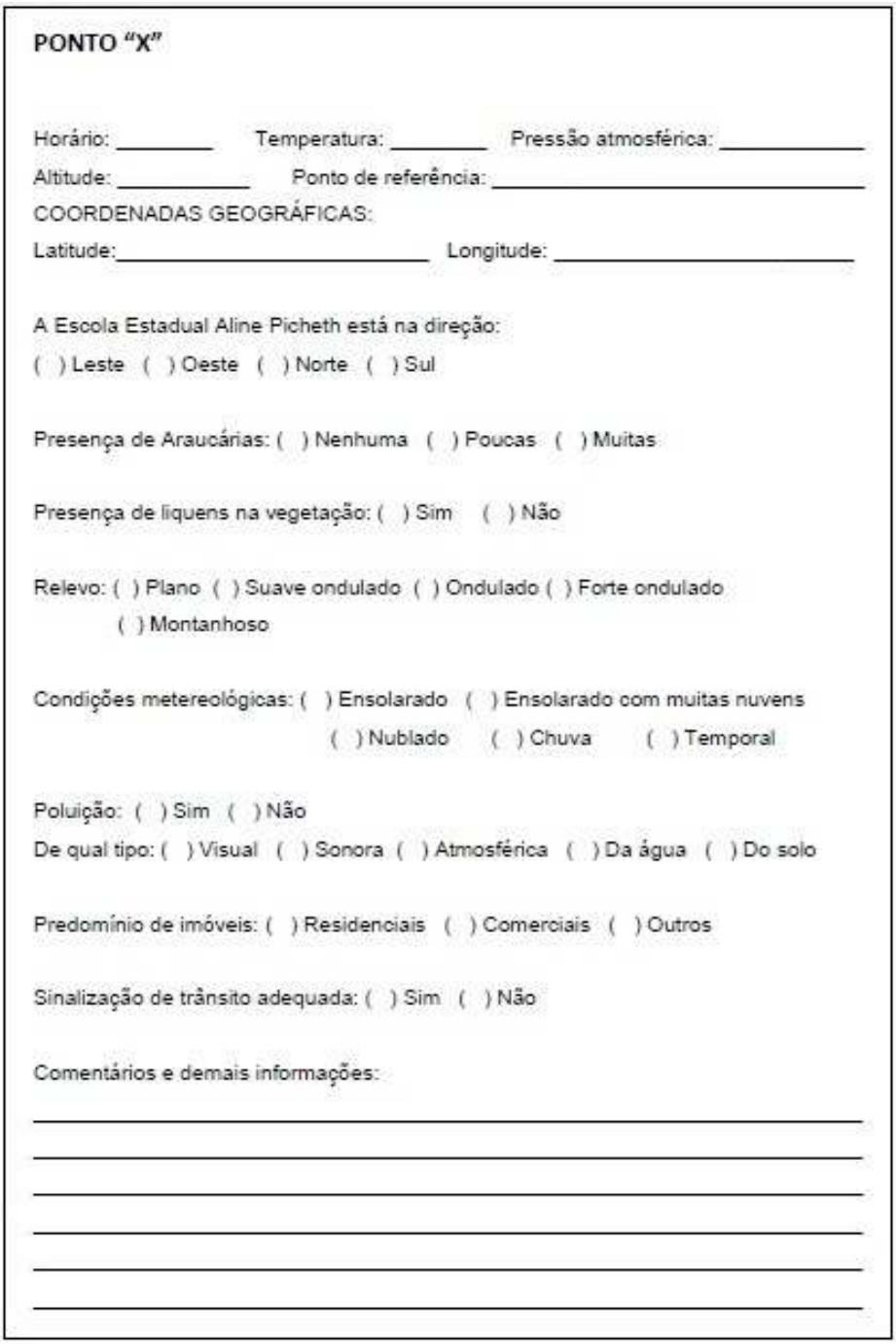
Para o melhor aproveitamento das atividades desenvolvidas em campo, alguns materiais e equipamentos foram indispensáveis para atender aos objetivos propostos inicialmente. Embora tenham caráter auxiliar, a possibilidade de incluir materiais relacionados facilita a compreensão e desperta o interesse prático por parte dos alunos.

Com o auxílio de técnicas de geoprocessamento, por meio do *software* *ArcGis* 10 e imagens *Bing Maps Aerial*, foram produzidos mapas em tamanho A1 da área de estudo para cada uma das alunas participantes. Além da alfabetização cartográfica e síntese de informações espaciais, o mapa permite uma análise mais ampla do uso e ocupação do solo e também uma visão diferenciada do local que se convive diariamente.

Como ferramenta de apoio à cartografia, também foram utilizados receptores GPSs (Sistema de Posicionamento Global) e bússolas, com o intuito de trabalhar na prática temas como: localização, orientação e coordenadas geográficas, num primeiro momento, e mesmo geomorfologia e climatologia, devido aos recursos hipsométricos e meteorológicos disponíveis. Além disso, a utilização do GPS propicia a inserção das geotecnologias como apoio ao ensino de geografia, de forma prática e com aplicabilidade ao dia a dia do aluno.

Já a denominada apostila de campo representa, em síntese, a proposta metodológica deste trabalho. Ela foi construída com uma visão holística e interdisciplinar com base nas características da área de estudo preliminarmente levantadas seguindo o roteiro. É a ferramenta que dá autonomia ao aluno, inserindo-o na condição de pesquisador, uma vez que possibilite, de forma integrada, o raciocínio crítico e participativo sobre a área estudada/observada.

Já no início da apostila encontram-se as fichas de ponto de parada, representadas no modelo por "ponto X" (figura 1). Essa foi a forma de registro e sistematização das informações coletadas e/ou observadas em campo, com questões abertas e fechadas. Nas apostilas entregues às alunas, ao todo foram registrados 16 pontos com descrição completa.



PONTO "X"

Horário: _____ Temperatura: _____ Pressão atmosférica: _____

Altitude: _____ Ponto de referência: _____

COORDENADAS GEOGRÁFICAS:

Latitude:_____ Longitude: _____

A Escola Estadual Aline Picheth está na direção:

( ) Leste ( ) Oeste ( ) Norte ( ) Sul

Presença de Araucárias: ( ) Nenhuma ( ) Poucas ( ) Muitas

Presença de liquens na vegetação: ( ) Sim ( ) Não

Relevo: ( ) Plano ( ) Suave ondulado ( ) Ondulado ( ) Forte ondulado
( ) Montanhoso

Condições metereológicas: ( ) Ensolarado ( ) Ensolarado com muitas nuvens
( ) Nublado ( ) Chuva ( ) Temporal

Poluição: ( ) Sim ( ) Não

De qual tipo: ( ) Visual ( ) Sonora ( ) Atmosférica ( ) Da água ( ) Do solo

Predomínio de imóveis: ( ) Residenciais ( ) Comerciais ( ) Outros

Sinalização de trânsito adequada: ( ) Sim ( ) Não

Comentários e demais informações:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Figura 1 – Ficha de anotação dos pontos de parada (modelo reduzido).

Em seguida há um mapa da área de estudo em tamanho A4 (figura 2) e folhas em branco apenas com a grade de coordenadas para a espacialização do trajeto e das informações obtidas com as fichas dos pontos de parada. Ou seja, em cada ponto as coordenadas, com apoio do GPS, são anotadas, seguido da localização das mesmas nos mapas de acordo com a sequência das paradas (1, 2, 3... 16).

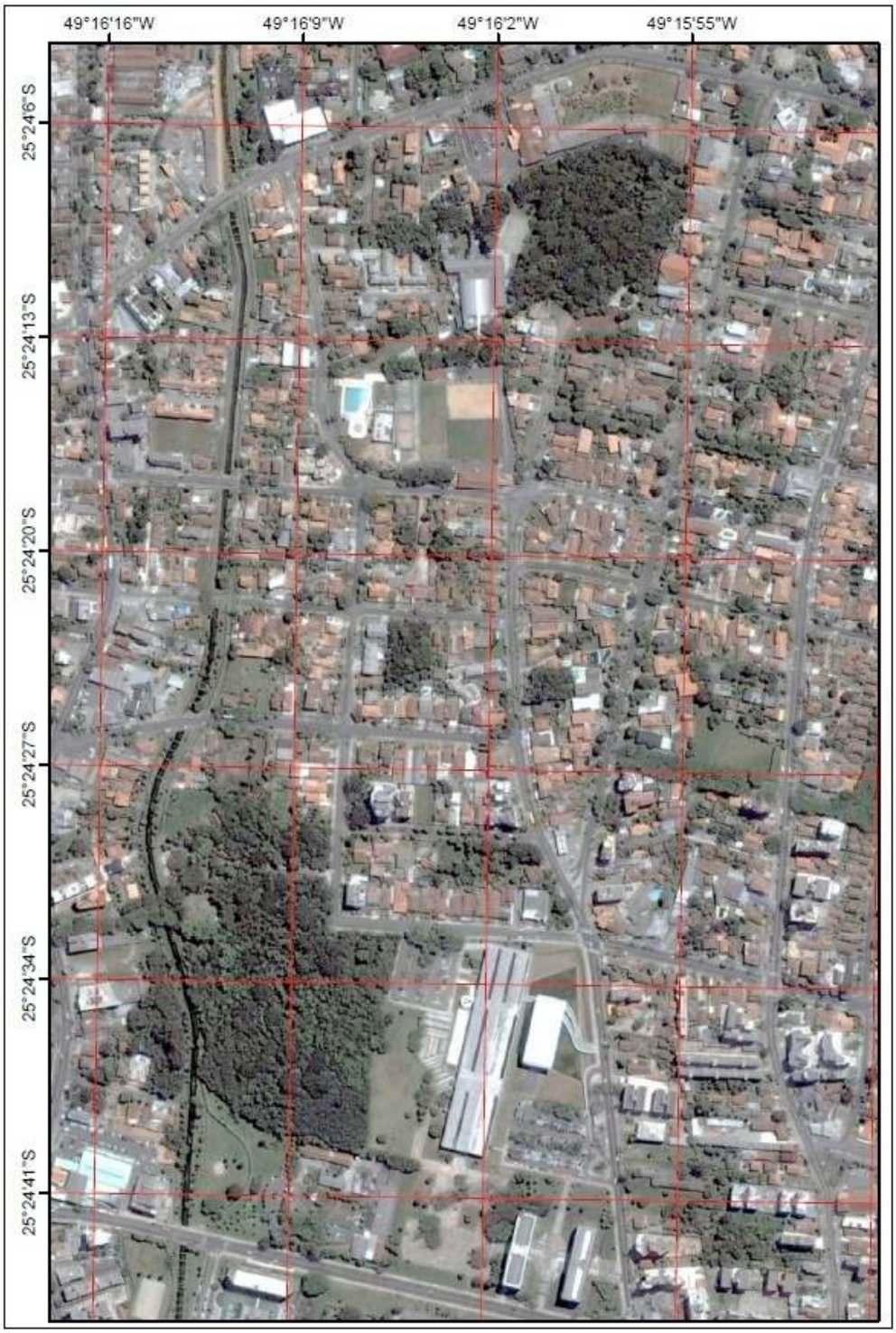


Figura 2 – Mapa com o recorte espacial das aulas de campo (modelo reduzido).

Por último há uma descrição dos principais locais percorridos/visitados e temas trabalhados, breves textos divididos em tópicos: a) coordenadas geográficas; b)

bússola e GPS; c) mata de araucária; d) Museu Oscar Niemeyer; e) Bosque do Papa João Paulo II; f) Imigração polonesa; g) Nicolau Copérnico; h) Rio Belém.

No total foram realizadas seis aulas de campo na região próxima à escola, com objetivo geral de orientação/localização, interpretação e reconhecimento dos elementos da paisagem. A figura 3 representa, resumidamente, os procedimentos metodológicos adotados.

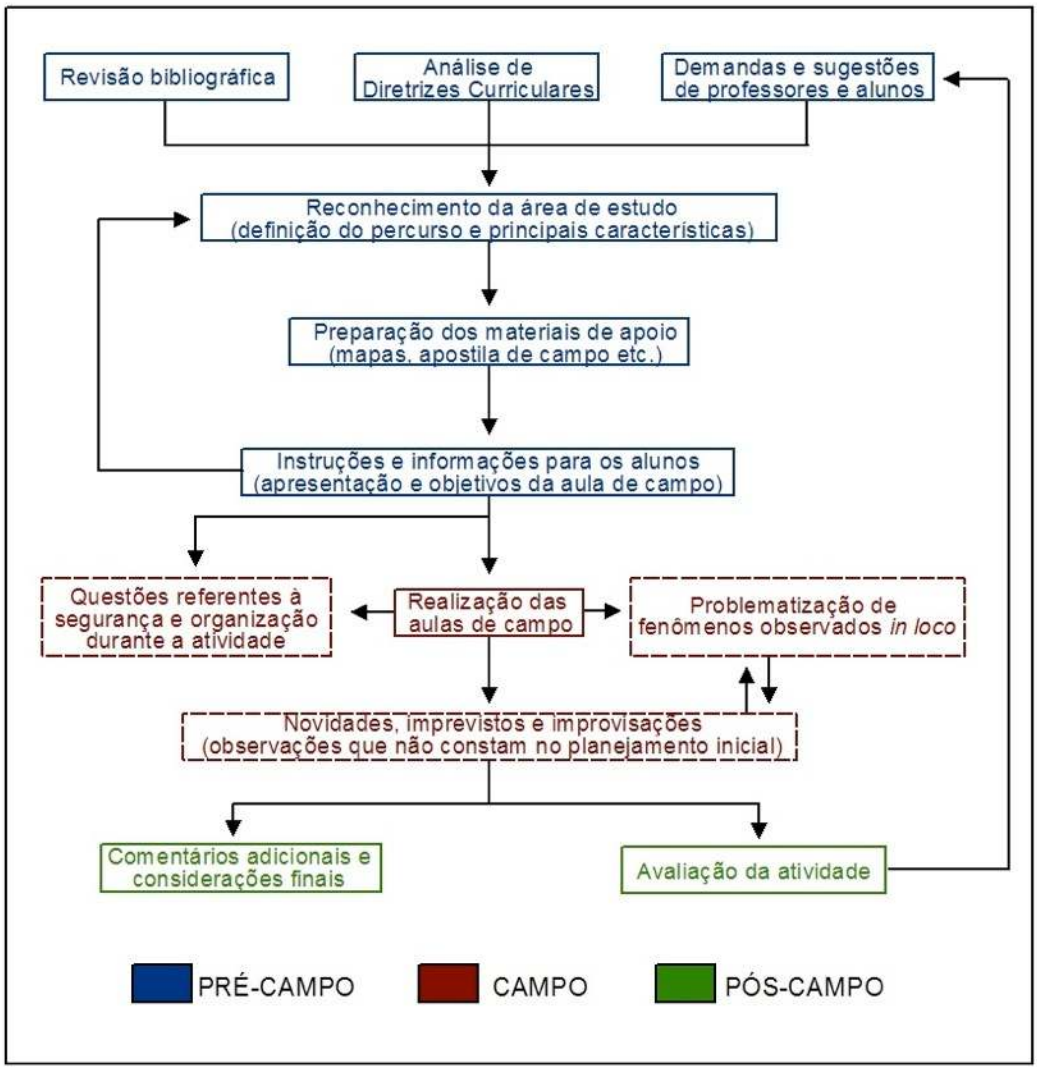


Figura 3 – Fluxograma metodológico.

Resultados e discussões

De forma geral, a metodologia proposta se mostrou eficaz, exequível e apresentou resultados satisfatórios. Ao todo foram realizadas seis aulas de campo na

região próxima à escola, cada qual com objetivos determinados preliminarmente e que serão discutidos mais adiante.

A primeira aula de campo realizada teve caráter introdutório, com informações gerais sobre o que é uma aula de campo propriamente dita, objetivos principais e exercícios básicos com o material disponível, além de um "treinamento" com a apostila de campo (figura 4) e o registro de alguns pontos de parada. Aspectos pontuais e curiosidades notadas no percurso foram devidamente discutidos, desde organização do trânsito e fluxo de pessoas até composição do solo e efeitos das raízes de árvores nas calçadas, como incentivo ao exercício de observação, análise e reflexão do espaço cotidiano.



Figura 4 – Exercícios com o material disponível.

Na segunda aula de campo as alunas adquiriram maior autonomia e o registro dos pontos de parada ficou a critério de cada uma. O enfoque principal foi o Rio Belém (o mais poluído do município segundo o Instituto Ambiental do Paraná, cuja nascente e foz se localizam em Curitiba), com destaque para o planejamento urbano e a qualidade ambiental das grandes cidades. Os dias que antecederam a aula de campo foram chuvosos, e em determinada porção do rio foi notado um deslizamento de terra causado pelo acúmulo do fluxo d'água (figura 5). Eis o ensejo para discutir temas como as ocupações irregulares próximas ao leito, importância de mata ciliar, canalização dos rios, poluição e saneamento básico e também características da bacia hidrográfica.



Figura 5 – Deslizamento observado no Rio Belém.

Diferentemente dos dois primeiros momentos, a proposta do terceiro encontro foi uma visita ao Museu Oscar Niemeyer. O desafio sugerido para as alunas foi o de relacionar a geografia com cada exposição visitada. Em suma, um olhar geográfico sobre a arte, a cultura e a história. Muitos elementos teóricos trabalhados em sala de aula puderam ser discutidos durante a visita.

A quarta aula de campo foi realizada no Bosque do Papa João Paulo II, sendo dividida em dois momentos: a) caracterização geográfica da Floresta Ombrófila Mista, pelo fato de haver uma reserva de araucárias e trilhas ecológicas no Bosque, e que mesmo localizada na região central da cidade remonta às paisagens naturais de Curitiba antecedentes à consolidação da mancha urbana (figura 6); b) discussão sobre os imigrantes paranaenses de maneira geral e sobre os poloneses em específico, já que nas clareiras do Bosque está o Memorial da Imigração Polonesa, um museu ao ar livre que reconstitui a vida dos primeiros imigrantes poloneses do século XIX (figura 7).



Figura 6 - Reserva com mais de trezentas araucárias na área central da cidade.



Figura 7 – Casas típicas polonesas que foram transferidas de antigas colônias na região metropolitana.

Com a experiência das quatro primeiras aulas, tendo permeado pelas principais áreas do conhecimento geográfico, no quinto encontro as alunas criaram mapas temáticos com base em todas as informações anotadas anteriormente na apostila de campo. Complementarmente novos pontos de parada foram registrados no percurso e

a representação foi feita numa folha A4 em branco constando apenas a grade de coordenadas. Dessa forma, o mapa com a imagem de satélite da área percorrida (de tamanho A1) pôde ser utilizado como referência cartográfica e visual na elaboração desse mapa temático. A definição do que representar, bem como a escolha da legenda e dos símbolos, ficou a critério das alunas, o que possibilitou identificar os temas com maior significância para cada uma.

O fechamento dessa primeira fase das aulas de campo foi uma sugestão das próprias alunas, adaptada de maneira a contemplar, em síntese, os principais temas discutidos durante todas as aulas de campo. Nesse último encontro, portanto, a atividade proposta teve como objetivo principal avaliar a compreensão, percepção, assimilação e capacidade de trabalho em equipe por parte das discentes. A "Geogincana", conforme denominada, consistiu numa caça ao tesouro com base em coordenadas geográficas e uso do GPS, sendo que para liberar novas dicas era necessário resolver um problema de pertinência geográfica (figura 8).

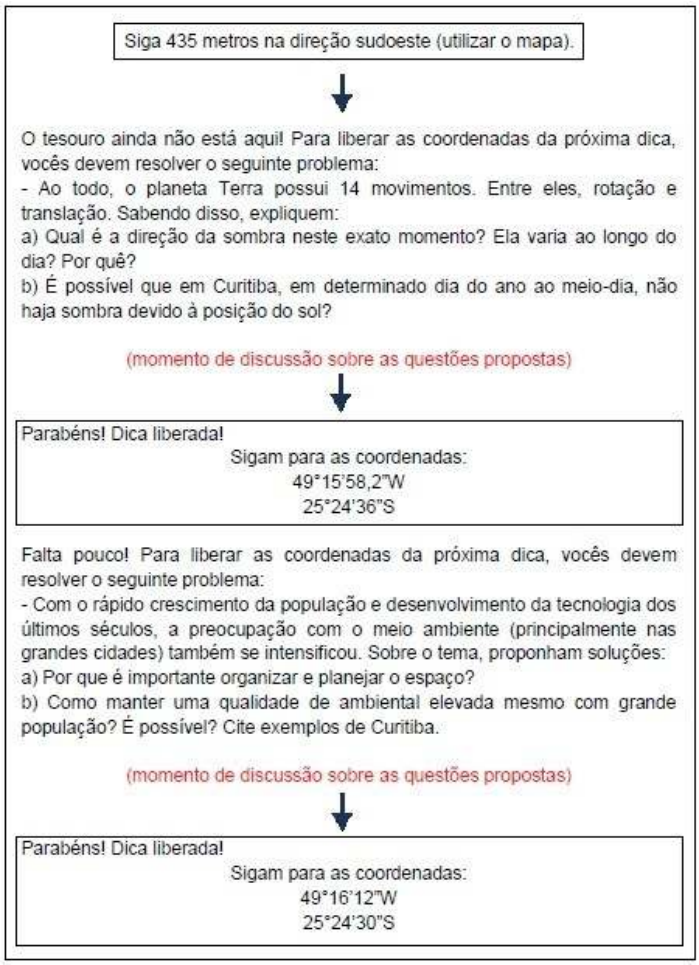


Figura 8 – Exemplos da dinâmica da "Geogincana"

As propostas elaboradas pelas alunas, registradas na apostila de campo durante todas as atividade e discutidas posteriormente, denotaram a rápida assimilação dos conteúdos apresentados frente à realidade vivenciada in loco, apresentando resultados satisfatórios e evidenciando a potencialidade da aula de campo como recurso didático-pedagógico auxiliar. Destaca-se, ainda, o caráter interdisciplinar da atividade e a contribuição pedagógica da mesma para o desenvolvimento do raciocínio crítico dos discentes.

Em campo, a fala de Oliveira (2006) se torna evidente quando a autora cita que os alunos não precisam se comportar seguindo um padrão (de acordo com todas as instruções do guia docente), pois a caracterização de um trabalho geoeducativo é, mesmo no ensino fundamental, a ampliação das interações discente com o mundo vivido e/ou estudado.

Dessa forma, embora o planejamento (pré-campo) seja fundamental e tenha caráter norteador na prática das aulas de campo, a improvisação e a criatividade devem ser igualmente consideradas. O "senso de oportunidade" por parte do professor, ou seja, a capacidade de aproveitar elementos que sejam observados em campo devido à dinamicidade do espaço geográfico, mesmo que estejam fora do roteiro inicial, se mostrou imprescindível.

Considerações finais

A prática das aulas de campo como apoio ao ensino de Geografia – e mesmo de outras disciplinas – deve ser encarada como atividade complementar e de igual importância. Conforme demonstrado, dadas as dificuldades recorrentes de organizar uma aula de campo, não é necessário realizar grandes expedições para lugares distantes para atingir resultados satisfatórios, pois o entorno da escola pode ser o laboratório.

Embora a aula de campo seja uma atividade realizada fora dos muros da escola, ela não pode ser tratada como um mero passeio. Da mesma maneira, embora seja uma atividade prática, a teoria deve embasar todas as discussões. A organização e o planejamento, divididos entre o pré-campo, campo e pós-campo, são fundamentais para que os alunos estabeleçam relações entre o conhecimento sistematizado e o cotidiano.

É importante que os professores atentem ao fato de que, muitas vezes, durante a aula de campo, o imprevisto poderá mudar todo o rumo esquelético e explicativo do programado. Eis as riquezas que ultrapassam os livros didáticos, o

planejamento e as avaliações prévias, criando as chamadas novidades que devem ser discutidas em campo e trabalhadas na volta à sala de aula. Por isso a insistência naquilo que aqui denominou-se de "senso de oportunidade" do professor.

Dada a ainda baixa produção de materiais e publicações voltadas para as aulas de campo no ensino de geografia, sobretudo no que tange à aplicação prática, o desafio de estabelecer a relação entre ciência, escola e cotidiano, de forma prática, divertida e voltada para o ensino, foi ainda maior. Nesse sentido, espera-se que a proposta apresentada contribua para a discussão da temática e sirva como subsídio para futuros trabalhos voltados à aplicação de aulas de campo.

Agradecimentos

Ao Projeto Expedições Geográficas e às "minigeógrafas" Julia, Natália, Sophia e Thaina. Esse trabalho foi feito por vocês e para vocês.

Referências Bibliográficas

CALLAI, H. C. O Ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. (orgs.). **Geografia em sala de aula:** práticas e reflexões. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

CALVENTE, M. C. M. H. O conhecimento, o meio e o ensino de geografia. In: CARVALHO, M. S. (org.). **Para quem ensino Geografia**. Londrina: UEL, 1998.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia, Ed. Alternativa, 2002.

GOMES, M. F. V. B.; TURRA NETO, N. A leitura da paisagem como proposta metodológica para o Ensino de Geografia. In: ARCHELA, R. S.; CALVENTE, M. C. M. H. (orgs.). **Ensino de Geografia:** tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo. Londrina: EDUEL, 2008.

KERN, E. L.; CARPENTER, J. R. **Effect of field activities on student learning**. J. Educ. 34:180-183, 1986.

OLIVEIRA, C. D. M. Do estudo do meio ao turismo geoeducativo: renovando as práticas pedagógicas em geografia. In: **Boletim Goiano de Geografia**, v. 26, n. 1, jan./jul. 2006.

OLIVEIRA, C. D. M.; ASSIS, R. J. S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 195-209, jan./abr, 2009.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Geografia. Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Curitiba, 2008.

PIAGET, J. **A representação do espaço geográfico na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PONTUSCHKA, N. N. Interdisciplinaridade: aproximações e fazeres. In: **Terra Livre** – AGB, As transformações no mundo da Educação, Geografia, ensino e Responsabilidade Social, São Paulo, n. 14, p. 90-110, 1999.

SCHÄFFER, N. O. Guia de Percurso Urbano. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. (orgs.). In: **Geografia em sala de aula:** práticas e reflexões. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

VESENTINI, J.W. Realidades e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI. J. W. (Org.) **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

VIADANA, A. G. **A excursão geográfica didática** (Pontal do Triângulo Mineiro). Rio Claro: LPM/IGCE/UNESP, 2005.

Recebido em 11 de agosto de 2013.

Aprovado para publicação em 24 de novembro de 2013.